

Poética do habitar: pensando a casa como categoria geográfica*

TIAGO VIEIRA CAVALCANTE**

Resumo

Preocupada com os conteúdos físico-estruturais do/no espaço geográfico, a ciência geográfica tem se esquecido de abordar a casa, simplificadamente tomando-a como mera habitação. A intenção do presente trabalho é tramar uma insurreição pela casa, no sentido amplo de sua compreensão, a partir do ato do habitar. Partindo de uma apreensão historiográfica para depois compreendermos o sentido ampliado com o qual trabalhamos esta categoria, discutimos o sentido da categoria casa tomando como base o Santuário de Fátima em Fortaleza – CE (*casa* da mãe de Deus). Destarte, ampliamos a possibilidade de apropriação dessa categoria como uma renovada maneira de compreendermos os diferentes/diversos espaços vividos.

Palavras-chave: Casa, Habitar, Santuário de Fátima.

Abstract

Concerned about the contents of the physical and structural geographic space, the geography has forgotten to treat the home, taking it simplistically as mere habitat. The intention of this work is plotting an insurrection by home in the broad sense of understanding, from the act of dwelling. Taking as first instance a historiographical apprehension for after understanding the amplified sense which we work this category, we now discuss the categorical sense of home, taking as example the Fatima's Sanctuary in Fortaleza – CE (home of the God's Mother). Thus, we expand the possibility of appropriation of this category as a renewed way to understand the different lived spaces.

Key words: Home, Dwell, Fatima's Sanctuary.

* O presente trabalho parte das reflexões vinculadas à dissertação denominada: *A casa da mãe de Deus comporta o (outro) mundo: dinâmicas geográficas no Santuário de Fátima em Fortaleza – CE*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC.



** **TIAGO VIEIRA CAVALCANTE** é graduado em Turismo pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Especialização em Ecoturismo pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

1. Considerações iniciais

A abordagem da casa é mais especificamente da casa da mãe de Deus, referência que fazemos para interpretar o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Fortaleza – CE, nos exige realizar discussão sobre esta categoria peculiar e incomum nas discussões pertinentes à geografia. Diante disso, apresentamos uma investigação sobre a representação da casa e do habitar como estratégias de compreensão dos lugares, dos espaços vividos, tomando o referido santuário como exemplo.

Assim sendo, a partir da percepção do santuário enquanto *casa* (uma inversão da percepção da casa enquanto santuário mais a condição do movimento do habitar), conjugamos as características pertinentes à noção de *lar*, as quais se destacam a intimidade, a afetividade, a segurança, a familiaridade, dentre outras que comportam a “ciência do subjetivo”, com propriedades vinculadas ao conceito de *lugar*. Este último, deveras presente na análise geográfica, principalmente, na abordagem cultural-humanista (CORRÊA, 2005); também comumente relacionado, pelos geógrafos marxistas, a um diálogo incessante com o processo de globalização em sua dialética lugar-mundo.

É assim que, a partir dos contornos da *habitação* até as possibilidades libertárias do *habitar*, optamos por trilhar esse movimento. Indicando ser a categoria *casa* detentora das possibilidades de ambos os conceitos a pouco apresentados, principalmente, em se tratando da análise do Santuário de Fátima. Em suma, da densidade subjetiva do lar e da possibilidade multiescalar do lugar; características delineadoras do santuário. A casa, nesse

sentido, é uma interessante categoria-metáfora para percebermos as diferentes apropriações que se tem do santuário a partir da ação do habitar, daí sua pluralidade. Afinal, como bem nos ensinara Dardel (1990), na relação homem-mundo a Terra é tida como nossa maior casa, desse modo, não se pode recusar outros elementos constituintes da Terra, assim como o Santuário de Fátima, dessa mesma possibilidade compreensiva e topoanalítica.

2. Dos contornos da habitação ao livre-arbítrio do habitar

Em se tratando da geografia tradicional, as monografias regionais, caracterizadas pelas descrições densas de objetos dispostos no espaço dão os contornos de como era feita a geografia até meados dos anos 60 (MORAES, 2002; MOREIRA, 2008).

Reflexo de um pensamento positivista que permeava toda a ciência, inclusive a geografia, calcado no naturalismo científico, “a geografia da casa” resumia-se a uma geografia da habitação, da moradia. Isto é, da descrição sobre como as casas se dispunham na paisagem e de como suas características estavam ligadas à natureza.

É nesse contexto que a descrição, assim como apresenta Paul Vidal de La Blache (1985), torna-se tipicamente um método da geografia tradicional e a habitação torna-se, enquanto elaboração humana, singela localização espacial e morada do homem.

A seguinte assertiva de Vidal de La Blache (2010, p. 04), quando relaciona a sociologia à geografia, é esclarecedora de sua preocupação e, de modo geral, da preocupação também dos geógrafos desse período: “[...] a geografia humana se reconhece como parte do estudo da

Terra e deve, por isso, permanecer distinta das ciências sociológicas. Ela procede da terra ao homem e não pela via inversa”.

No que tange, mais especificamente, ao estudo da religião na geografia, Pierre Deffontaines é um de seus pioneiros (SANTOS, 2006). Em sua obra *Géographie et Religions* (1948, p. 10), Deffontaines, discípulo da escola lablachiana, realiza relação entre geografia e a religião e menciona, logo de antemão, que sua preocupação nesse estudo se dará com:

[...] les répercussion géographiques de faits de religion dans le paysage. Nous réduirons le point de vue religieux à ses seuls éléments visibles et physiologiques, laissant délibérément de côté le domaine majeur de la vie intérieure. Les actes religieux ou de piété seront envisagés ici comme des facteurs des paysages à côté des agents climatiques ou d'érosion, point de vue qui pourra étonner certains croyants, mais qui, de notre part, ne témoigne d'aucun irrespect¹.

Não obstante, o referido autor possui plena consciência da representatividade do fato religioso enquanto agente geográfico, sendo este muitas vezes, “superior aos fatores físicos como o clima e o solo” (FERREIRA, 1998, p. 10). Não realizando assim, um simples inventário e descrição das várias religiões do mundo.

¹ [...] as repercussões geográficas do fato religioso na paisagem. Reduziremos o ponto de vista religioso a seus elementos visíveis e físicos, deixando deliberadamente de lado o domínio maior da vida interior. Os atos religiosos ou de piedade serão aqui considerados ao lado de agentes climáticos ou de erosão, ponto de vista que poderá surpreender alguns crentes, mas que, de nossa parte, não testemunha desrespeito algum (tradução do autor).

Rosendahl (1997) indica que Deffontaines, diferenciando-se um pouco dos meandros da geografia tradicional, o qual percebia a religião como simples modificadora da paisagem, realiza estudo dos significados simbólicos da casa em termos religiosos. E se esta possui significados simbólicos, certamente tais significações se dão por intermédio dos homens que nelas habitam, vivem.

Sobre esse objeto de estudo, Deffontaines distingue três tipos de casas povoadoras da Terra: a casa dos homens e seus numerosos dispositivos religiosos, a casa dos mortos e a casa de Deus, habitação da divindade.

Sendo para Deffontaines (1948) a casa dos homens como um templo, pode-se nele destacar a necessidade de esclarecer que, para além dos condicionamentos naturais, a casa em sua elaboração, seja esta humana, destinada aos mortos ou a uma divindade, também pode ser condicionada por aspectos culturais, no caso, pautados na religiosidade.

Isso, de todo modo, não o impede de fazê-lo perceber a casa em suas feições materiais, mesmo esta se ligando a uma sacralidade primordial. Assim, as casas podem ser construídas em formas geométricas diferenciadas, com base em planos astrológicos e orientações sagradas ou mesmo pensadas de maneira a possuírem espaços internos específicos para consagração religiosa e a ligação com o divino. Contudo, o que se compreende em Deffontaines é sua acurada percepção, registrando nas diferentes culturas a cosmogonia inerente a este lugar peculiar que é a morada do homem, sem, de todo modo, efetuar considerações sobre a representação dos homens para com o lugar.

Pierre Deffontaines teve uma grande curiosidade por todas as manifestações visíveis das culturas na superfície da Terra, mas a sua abordagem sofria da fraqueza fundamental da tradição vidaliana: a recusa em analisar os processos mentais e o papel das ideias (CLAVAL, 2003, p. 153).

O interessante é perceber que, mesmo diante dessa consciência, esse “problema” não se resolve no decorrer da historiografia. Produto de um interesse burguês, como indicara Moreira (2007), ainda no século XX, “[...] a geografia se consagra como ciência do espaço e o geógrafo como especialista de sua organização” (p. 15). Faz-se, portanto, neopositivista, pensando o espaço a partir de modelos matemáticos.

Henri Lefebvre (1999, 2001) critica incisivamente essa produção espacial calcada no planejamento. Preocupação reflexa de sua postura política com a dimensão do habitar. Para o autor, tal planejamento espacial vê elaborações humanas como a cidade enquanto produto e valor de troca e não enquanto obra embebida de valor de uso.

É daí que, se apontarmos para o ato de habitar, simplesmente a noção escalar do microespaço vinculado a casa se quebra, sendo ampliada tanto em termos epistemológicos (conceituais) como também ontológicos. Rebatimento teórico o qual nos leva a pensar o santuário da mesma maneira. Expliquemos.

Heidegger (2008, p. 125, 126) não se abstém em dizer:

Parece que só é possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como meta. Mas nem todas as construções são habitações. Uma ponte, um hangar, um estádio, uma usina elétrica são

construções e não habitações. Essas várias construções estão, porém, no âmbito de nosso habitar, um âmbito que ultrapassa essas construções sem limitar-se a uma habitação. *Na autoestrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação.* Essas construções oferecem ao homem um abrigo. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência. Considerando-se a atual crise habitacional, possuir uma habitação é, sem dúvida, tranquilizador e satisfatório; prédios habitacionais oferecem residência. As habitações são hoje bem divididas, fáceis de se administrar, economicamente acessíveis, bem arejadas, iluminadas e ensolaradas. *Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um habitar?* (grifos nossos)

Destarte, numa inversão simples, se a casa é também um santuário na condição de sua habitabilidade, isto é, enquanto habitação e abrigo; o santuário por nós é pensado enquanto casa, na condição do habitar heideggeriano. Inversão discorrida à maneira de Oliveira & Cavalcante (2009), os quais apostam em uma abordagem que permita escalas em hierarquia invertida em que o mundo, como generalização, constitui-se menor que os lugares, dada a força de significação e dinâmica destes últimos.

Vale ressaltar a noção do termo “construir” para Heidegger. Para o filósofo, uma expressão-ação vinculada diretamente à noção do habitar: “Construir significa originalmente

habitar” (2008, p. 127), revela. Chegamos, portanto, ao entendimento de que não habitamos porque construímos, mas sim construímos à medida que habitamos e levamos em consideração o sentido essencial da construção do mundo, seu significado. Também não podemos chegar à conclusão diferente ao pensarmos no santuário. Em grande parte, construção cotidianamente elaborada por aqueles que ali passam (fiéis) ou dele fazem parte (funcionários e especialistas do sagrado).

Assim sendo, arriscando uma resposta à interrogação de Heidegger (feita na referência ao autor acima); a habitação moderna, muitas vezes não tendo o seu sentido primeiro de santuário, não tem dado condições para a realização do habitar. Situação denunciada por Lefebvre (2001, p. 26), quando trata da lógica que se instala nos subúrbios parisienses e na urbanização da cidade industrializada, ao dizer: “Os novos conjuntos serão marcados por uma característica funcional e abstrata: o conceito de *habitat* levado à sua forma pura pela burocracia estatal”. E ilustrada belamente por Bachelard (2008, p. 44, 45) ao desfiar sobre as modernas moradias parisienses, fazendo alusão aos porões e aos sótãos das antigas casas os quais permeavam sua imaginação:

A casa não tem raízes. Coisa inimaginável para um sonhador da casa: os arranha-céus não têm porão. Da calçada ao teto, as peças se amontoam e a tenda de um céu sem horizontes encerra a cidade inteira. Os elevadores destroem os heroísmos da escada. Já não há mérito em morar perto do céu. E o *em casa* não é mais que uma simples horizontalidade. Falta às diferentes peças de um abrigo acuado no pavimento um dos

princípios fundamentais para distinguir e classificar os valores da intimidade.

A crise da habitação, grosso modo, acaba por ser também uma crise do habitar. Estimulada pela posse da terra e sua desapropriação, o homem acaba por se apinhar, criando espaços cotidianos topofóbicos, encerrados para o movimento humano e concebidos para o movimento dos objetos (circulação de produtos, desde simples mercadorias aos modernos transportes terrestres). Habitar na grande cidade é também ato de coragem. Mas fácil encerrar-se no entre – muros da moradia ou no entre – paredes, como nos dissera Bachelard.

Autores como Martin Heidegger, Henri Lefebvre, Gaston Bachelard, assim como Eric Dardel, entre outros, são hoje bastante utilizados pelas geografias que se anunciam preocupadas com a questão social, com a questão humana. Tais geografias desempenham papel preponderante na concepção de uma compreensão de espacialidade renovada e, inclusive, na conscientização ontológica da importância da dimensão do habitar para além das geometrias da habitação.

Eric Dardel (1990, p. 02), por exemplo, ainda em 1952, em sua obra *L’Homme et La Terra: Nature de La Réalité Géographique*, já nos ensinava:

La géométrie opère sur un espace abstrait, vide de tout contenu, disponible pour toutes les combinaisons. L’espace géographique a um horizon, un modelé, de la couleur, de la densité. Il est solide, liquide ou aérien, large ou étroit: il limite et il résiste².

² A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo conteúdo disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, um modelado, de cor, de densidade.

Consideração esta, reflexiva da necessidade de um olhar sobre o espaço mais dinâmico e flexível. Vinculado a uma *geograficidade*, ou seja, a uma ação que “refere-se à cumplicidade obrigatória entre a Terra e o homem, que se apresenta à existência humana” (HOLZER, 2001, p. 111).

A consideração da vivência do/no espaço, ou como preferira Dardel, do espaço enquanto substrato do vivido – *espaço vivido* – leva-nos à relação de uma maneira ou de outra ao ato de habitar. Visto que, para Dardel, como indica Jean-Marc Besse, o espaço vivido vê na condição e movimento do habitar a possibilidade de sua realização. E ainda ensina-nos Besse (2006, p. 93): “O homem ter uma relação com a Terra não significa que ele esteja encerrado num lugar, mas ao contrário, que sua liberdade se dá na travessia dos lugares, em direção ao distante”.

Nessa perspectiva, a *habitação*, por exemplo, é premissa para o ato de *habitar*; enquanto este ato de maneira alguma se reduz à *habitação*. Desse modo, a *habitação* está contida no ato de *habitar*, ação por excelência, pois este parte daquele. É o lar em trânsito sobre o qual outrora falamos (OLIVEIRA; CAVALCANTE, 2009).

É desse modo que tratamos o santuário enquanto *casa* da mãe de Deus, porque consideramos tal categoria flexível a ponto dessa peculiar construção ser passível de nos revelar sua multiescalaridade ao relacionar-se com o mundo e o outro mundo, sem, no entanto, velar sua densidade (simbólica e institucional). O santuário enquanto casa nos abre essa possibilidade, além de esclarecer a premissa tipicamente

religiosa a qual indica a Igreja como casa de Deus.

Essa compreensão comporta o movimento sem se furtar da densidade da casa da mãe de Deus. O Santuário de Fátima, não foge desse contexto. Ponto fixo no espaço, porém fluido em sua significação imaginária daqueles que por ali passam e pela ação institucional daqueles que dele fazem parte.

3. O sentido do Santuário de Fátima: construir, rezar, habitar

“Todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa”.

Gaston Bachelard

Desde sua gênese, como podemos ler no Decreto nº 105, contido no Livro de Tombo nº 01 de Fátima, o objeto por nós estudado é tomado como santuário (mesmo este não sendo por direito, como veremos mais a frente). Monsenhor André Viana Camurça, então secretário do arcebispado de Fortaleza, discorre nesse decreto, que entrou em vigor no dia 01 de outubro de 1955, sobre a criação da Paróquia Nossa Senhora de Fátima delimitando minuciosamente seus territórios e limites e logo em princípio expondo: “O Santuário de Nossa Senhora de Fátima fica elevado à categoria de igreja paroquial com todos os direitos peculiares as igrejas paroquiais” (LIVRO DE TOMBO, nº 01, p. 01).

Igreja, portanto, que já surge com grandeza de santuário. E surge, como também podemos visualizar no trabalho de Rosendahl (1995) sobre Porto das Caixas, dentro de uma conjuntura em que transições e crises acabam por delinear movimentos proféticos (BORDIEU, 2007).

Logo após a Segunda Guerra Mundial, fazendo alusão aos terríveis fatos desse período, toma-se a decisão, a partir de

Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e ele resiste (tradução do autor).

Portugal, de efetuar-se uma peregrinação com a imagem de Fátima. Esta teria início na Europa, mas logo tomaria corpo mundial. Fortaleza é um dos seus muitos destinos. Eduardo Fontes (1983, p. 129) fala com mais ênfase desse fato:

Para que se entenda o porquê da existência da Igreja de Fátima é preciso recuar no tempo, aos idos de 1952, e até antes, ao ano de 1946, ao mês de abril, quando o Conselho Internacional da Juventude Católica Feminina de Portugal aventou a hipótese de uma imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima partir da Cova da Iria e viajar por toda a Europa, ainda sangrando pelos fatos recém-ocorridos na última grande guerra.

[...] E assim, no dia 13 de maio de 1947, saindo da Cova da Iria, onde a Senhora aparecera aos três pastores, dá-se início à peregrinação, à frente a belíssima imagem de Nossa Senhora, a qual foi oferecida pelo bispo de Leiria, e esculpida de conformidade com a descrição de Lúcia.

A imagem peregrina, após percorrer vários países europeus e alguns estados brasileiros, chega a Fortaleza em 09 de outubro de 1952. No dia 16 do mesmo mês, a imagem é acolhida na Praça José de Alencar para a bênção dos doentes, local onde se reuniram cerca de 100 mil pessoas. No mesmo dia, ao fim da solenidade, a imagem é acidentada, ao cair. Os promotores resolvem assim interromper o programa e regressar a Portugal, prometendo voltar no ano seguinte.

Dentro desse contexto festivo, de idas e vindas, (a imagem passa também por Maranguape) de recepção, procissão, comunhão e certeza de regresso, que se tem a gênese da construção do Santuário de Fátima em Fortaleza – CE.

O mote para a construção do mesmo é dado a partir da volta da Virgem Peregrina por essas paragens.

Revigorou-se assim a ideia de construção do santuário para homenagear Nossa Senhora de Fátima, quando do retorno a Fortaleza. Muitos que foram deixar a imagem no Aeroporto Pinto Martins, naquele tempo com entrada ainda pelo antigo portão do Cocorote, resolveram lançar a semente do que veio a tornar-se a árvore frondosa (FONTES, 1983, p. 130).

De acordo com o Bispo Dom Gerardo Andrade Ponte (primeiro pároco do Santuário de Fátima), a igreja é construída em terreno doado por Pergentino Ferreira, terreno que também abrigará, posteriormente, o Colégio São Tomás de Aquino. (FAHEINA, 2001). Tendo sua pedra fundamental lançada no dia 28 de dezembro de 1952, após missa campal, celebrada por Dom Antônio de Almeida Lustosa (FONTES, 1983).

A volta da imagem peregrina à cidade de Fortaleza encrava de vez seu erguimento. De acordo com o referido autor, “[...] durante os dias 14, 15, 16 de dezembro de 1953, a imagem ficaria exposta no santuário em construção” (FONTES, 1983, p. 132).

A construção do santuário, desse modo, se estende durante os anos de 1954 e 1955. Tendo sido elevada à condição de paróquia no dia 14 de setembro de 1955 a partir do Decreto nº105, o qual entra em vigor, como já indicamos, no dia 01 de outubro do mesmo ano. Era uma construção que não cabia mais somente à paróquia, mas à cidade toda, como indica Fontes (1983). Eis o início de sua condição do habitar.

Relembrando Martin Heidegger, esclarecemos o sentido que podemos

dar à construção do Santuário de Fátima. Com base na etimologia da palavra *bauen* em alemão, o filósofo indica: “A antiga palavra *bauen* (construir) diz que o homem é à medida que habita” (HEIDEGGER, 2008, p. 127). Desse modo, se este constrói é porque, inserido nessa ação, existe motivação (certamente motivo e ação) para o ato de habitar. E os santuários parecem realmente possuir em sua essência essa motivação-representação. Fátima não escapa dessa conotação.

É nesse contexto que podemos adentrar no valor institucional dos santuários, demonstrando já de antemão sua dupla, mas não dual significação: a simbólica e a institucional. Ambos fomentando o ato de habitar.

Renata Menezes (2004), de certa maneira, esclarece essa duplicidade em estudo que trata do Convento de Santo Antônio, localizado no Rio de Janeiro. A autora, que teve o intuito de descortinar a dinâmica do sagrado relacionada ao convento, logo no início de seu trabalho se encontra na seguinte situação: como tratar de um local considerado por todos como santuário (fiéis e frades), sem este o ser por direito?

A partir de aproximação, em seu estudo antropológico, Menezes compreende que apesar desta situação institucional, pois o santuário não era reconhecido como tal por parte da Arquidiocese do Rio de Janeiro, suas características, assim como a força representacional daqueles que dele fazem parte, o instituíam como santuário, mesmo que simbolicamente. Ela revela (2004, p. 20):

Ora, o convento embora recebendo “fiéis em grande número”, presentes por uma “piedade especial” a Santo Antônio, e garantindo a “oferta de meios de

salvação abundantes”, pela grande quantidade de missas, homilias e bênçãos programadas, não possuía um título oficial de santuário concedido pelo Ordinário local (no caso, o cardeal da Arquidiocese do Rio de Janeiro).

Atenção às aspas que a autora coloca no trecho citado. É a indicação da relação entre as características do convento e o Código de Direito Canônico em vigor. Vejamos o Código de Direito Canônico em sua terceira parte, na qual trata dos lugares e tempos sagrados, mais especificamente, no seu capítulo terceiro, o qual versa sobre os santuários:

Cân. 1230 – Sob a denominação de santuário, entende-se a igreja ou outro lugar sagrado, aonde *os fiéis em grande número, por algum motivo especial de piedade*, fazem peregrinações com a aprovação do Ordinário local.

Cân. 1231 – Para que um santuário possa dizer-se nacional, deve ter a aprovação da Conferência dos Bispos; para que possa dizer-se internacional, requer-se a aprovação da Santa Sé.

Cân. 1232 – § 1. Para aprovar os estatutos de um santuário diocesano, é competente o Ordinário local; para os estatutos de um santuário nacional, a Conferência dos Bispos; para os estatutos de um santuário internacional, somente a Santa Sé. § 2. Nos estatutos, devem ser determinados principalmente a finalidade, a autoridade do reitor, o domínio e a administração dos bens.

Cân. 1233 – Poderão ser concedidos determinados privilégios aos santuários, sempre que as circunstâncias locais, o afluxo de peregrinos e

principalmente o bem dos fiéis parecerem aconselhá-los.

Cân. 1234 – § 1. Nos santuários, ofereçam-se aos fiéis *meios de salvação mais abundantes*, anunciando com diligência a palavra de Deus, incentivando adequadamente a vida litúrgica, principalmente com a Eucaristia e a celebração da penitência, e cultivando as formas aprovadas de piedade popular. § 2. Os documentos votivos da arte popular e da piedade sejam conservados em lugar visível nos santuários ou em locais adjacentes, e sejam guardados com segurança (grifos nossos) (CNBB, 1983, 535).

As peculiaridades apontadas por Menezes com o intuito de caracterizar e justificar a tomada em seu estudo do Convento de Santo Antônio como santuário podem, da nossa parte, também ser levadas em consideração para consubstanciar Fátima enquanto tal.

Em Fátima, o fluxo de peregrinos tem sido constante e representa a grande quantidade de fiéis que, principalmente nos dias 13 de maio e 13 de outubro, em louvor à Virgem de Fátima, às festividades do santuário. Isso sem contarmos com o proeminente contingente de pessoas que estão nesse local nos dias 13 de cada mês. Não podemos esquecer também da piedade especial, vinculadas às graças conseguidas por elas, ao amor e compaixão fomentada no lugar e a devoção à mãe de Deus como mãe de todos. Não nos furtando da oferta de meios de salvação abundantes intermediados pelas várias atividades prestadas pelo santuário.

Padre Ivan de Souza, atual Pároco de Fátima, reforça para nós, de maneira

resumida, as características do santuário³:

Por que é santuário? Expediente diário, atendimento ao público, número de fiéis não só nos dias 13, mas todos os dias. Pela presença chamativa da Virgem de Fátima.

E indica:

Falta pouco para ser, de direito, santuário. Estamos com uma comissão documentando a vida do santuário para apresentar ao Arcebispo Dom José Antônio Aparecido Tosi Marques, onde fará sua apreciação e julgará se passará ou não a santuário de direito, porque de fato já é no coração do povo.

Toda essa elaboração tem premissa e voz a partir dos especialistas do sagrado, mas ganha corpo a partir dos fiéis e aquilo que representa o santuário para eles. É representação do ato de habitar quando pensamos na construção do mesmo em sua repartição simbólica e institucional. Essas não divergem, pelo contrário, como podemos ver de maneira sucinta, se reforçam. Temos então uma construção de preceitos e justificativas históricas que, com o tempo, é cada vez mais absorvida por seus fiéis, os quais o tomam como santuário e, de maneira mais próxima daquilo que inicialmente categorizamos; como sua casa.

Paulo Evaristo Arns é um dos autores que esclarecem esse significado, dizendo que um dos sentidos da Igreja – e poderíamos ampliar essa conotação para os santuários – é o de casa. E esta, possui tal conotação, por significar “o ato de reunião ou também a própria comunidade reunida” (ARNS, 1985, p. 09). Comunidade enquanto família

³ Trechos da entrevista realizada com Padre Ivan no período de confecção de nossa dissertação de mestrado.

pode-se dizer, pois, como o próprio autor indica, podemos tratar da Igreja especificando sua conotação católica, percebendo essa família como a comunidade de fiéis batizados. A própria Bíblia Sagrada (1974, EFÉSIOS 2: 19, 20, 21, 22, p. 1169), nos ajuda nessa consideração, ao reforçar esse significado.

Já não sois hóspedes nem peregrinos, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o alicerce dos Apóstolos e dos Profetas, com Cristo por pedra angular. N'Ele qualquer construção, bem ajustada, cresce para formar um templo santo no Senhor, em união com o qual também vós sois integrados na construção, para vos tornardes, no Espírito, habitação de Deus.

Os fiéis também nos ajudam a reforçar essa concepção. Em enquete, realizada com eles nos dias 13 de outubro de 2009 e 13 de maio de 2010, 48 no total, entre 38 fiéis e 10 comerciantes, são várias as alusões ao santuário como casa ou mesmo aos elementos característicos dessa peculiar casa. Podemos, inclusive, somar as alusões dos fiéis às denominações pontuadas por Arns (1985) em relação à Igreja, no caso: *Esposa de Cristo, Templo de Deus, Cidade, Vinha e Rebanho*.

Diferentes fiéis, por exemplo, de maneira distinta, disseram que o santuário para eles representa: *casa; segunda casa; casa de Nossa Senhora; casa de Deus; família*. Para Auxiliadora, 54 anos, “*é um lugar de tranquilidade e paz, onde me esqueço de tudo... do marido, dos filhos*”⁴.

Maria da Conceição, 62 anos, apregoa: “*Pra mim quando a gente vem aqui é como se fosse um cantinho do céu*”.

Para Jandila, do grupo de oração do Shalom⁵, o santuário é um “*local de convergência. Percebo acolhimento de qualquer cristão, sem discriminação por parte do santuário*”. E salienta: “*Sinto-me em casa. Todos são irmãos de uma só família*”.

Tais falas representam bem o sentido de casa que estamos querendo aqui salientar quando pensamos no santuário.

Não faltaram também alusões aos aspectos estéticos ou mesmo monumentais do santuário o qual é visto como *muito bonito e belo* por alguns.

Interessante também a denotação topofílica ligada ao lugar-santuário, a qual nos faz lembrar o trabalho de Bachelard (2008) com relação à poética da casa. Nesse sentido, para muitos fiéis o santuário é um lugar de *acolhida; de apoio para louvor; onde se sente bem; de paz; a matriz do encontro; para rezar; um refúgio; acolhedor; de força; de vitória; onde se sente feliz; onde se pode estar mais perto de Deus; de busca de fé; de paz interior; de aumento da fé*, enfim, *um ponto de encontro de fiéis*.

Com relação ao aspecto topofílico, Alexandra, 31 anos, revela: “*Quando venho saio alegre, saio feliz, com o coração cheio de felicidade*”.

Todos esses sentimentos ligados ao santuário são bem representativos da acolhida que este possui. Acolhida que podemos relacionar ao sentimento de casa que perpassa o mesmo, pois nele as

⁴ Foram, principalmente, as referidas falas que nos levaram a pensar o Santuário de Fátima como *casa*. Vale dizer que nomes e idades dos inquiridos são conservados por acreditarmos que tal exposição não trará grandes

consequências, pois estes são nomes recorrentes nos meandros do santuário.

⁵ Comunidade católica de vida e aliança. Tem sua origem no Ceará e foi fundada por Moysés Azevedo em 1982.

peessoas “*se sentem bem*”, “*se sentem em casa*” junto à “*família*”. De outra maneira, também são exemplos relevantes da possibilidade do ato de habitar que o santuário possui.

Vale lembrar que, por exemplo, na obra de Bachelard (2008), a casa remete ao cuidado e amor maternos (PARENTE, 2009). Não obstante, o santuário por nós estudado foi construído em homenagem à Virgem de Fátima, e como tal, com “seu coração de mãe”, Maria é em grande parte fomentadora dos sentimentos de seus devotos, residindo nela possibilidade do acolhimento e inclusão. Além de ser nela onde reside a esperança no dia-a-dia dos sofredores, intercedendo pelo fiel e pecador (CAMPOS, 2009). Alguns inquiridos insistem na importância do santuário pelo fato de ser ele mariano, isto é, vinculado à imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Padre Ivan, mais uma vez, descortina essa relação casa-homem-universo tão peculiar no Santuário de Fátima:

Maria é memória, vida, testemunho de Deus que vive intensamente para dar testemunho do Filho Jesus. Ela está diretamente e inteiramente ligada ao mistério do Filho, sua missão está unida a dele desde a anunciação, calvário, cruz e ressurreição. Portanto, Maria é mãe presente na vida dos fiéis que vêm a este Santuário como continuação do seu lar, da sua casa. É apoio, consolo, afeto, compaixão.

Esta localidade, pelo fácil acesso e a integração que o bairro faz, revela uma mística que envolve a todos. O espaço é de oração, mas também de serenidade. Traduz assim certa terapia da fé a todos que passam por aqui.

Belo resumo este o qual Padre Ivan nos prestou sobre o sentido do santuário enquanto casa.

4. Considerações finais

Com este trabalho pretendemos demonstrar como a categoria casa em geografia pode (e deve) ser trabalhada de maneira ampliada, levando-se em consideração o movimento do habitar humano.

Para isso evidenciamos como construções humanas, a exemplo do Santuário de Fátima em Fortaleza – CE, podem ser denominadas de casa, quando pensadas para além do seu sentido de habitação. Isto, por ele ser ponto um de refúgio, de tranquilidade, de festa, um espaço onde se encontram pessoas com a mesma intenção, sentimento e, dessa maneira, ligados por uma familiaridade peculiar. E não é só em casa, na sua habitação por excelência, que o ser humano se embebede desse sentimento.

A casa, dessa maneira, é multiescalar, representa do lar a Terra, sendo o Santuário de Fátima, nesse contexto, nosso singelo exemplo das possibilidades humanas que as considerações geográficas sobre o habitar nos proporcionam sobre a apropriação e vivência no espaço.

Referências

- ARNS, Paulo Evaristo. **O que é igreja**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição da palavra viva. São Paulo: Stampley Publicações, 1974.
- BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMPOS, Roberta Bivar C. Interpretações do catolicismo: do sincretismo e antisincretismo na/da cultura brasileira. In: TEIXEIRA, Faustino; Menezes, Renata (orgs.). **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 135-150.

CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA, Roberto L.; Rosendahl, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 147-166.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB (Ed.). **Código de Direito Canônico**. São Paulo: Loyola, 1983.

CORRÊA, Roberto L. Espaço, um conceito chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 7ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 15-47.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique**. Paris: CTHS, 1990.

DEFFONTAINES, Pierre. **Géographie et religions**. Paris: Gallimard, 1948.

FAHEINA, Rita Célia. Dom Geraldo iniciou obra social no Santuário de Fátima. **O POVO**, Fortaleza, 09 mai. 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE (10.: 1998: Rio de Janeiro, RJ). **Oral history challenges for the 21st century: proceedings [of the] X International Oral History Conference /Eds. Ilana Strozemberg...[et al]**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Casa Oswaldo Cruz, 1998. v.1, p.379-386.

FONTES, Eduardo. **As pouco lembradas igrejas de Fortaleza**: subsídio à história dos templos católicos de Fortaleza. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1983.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 5ªed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: Rosendahl, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 123-122.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. **O direito à cidade**. 5ªed. São Paulo: Centauro, 2001.

LIVRO DE TOMBO Nº01. **Decreto nº105**. Criação da Paróquia Nossa Senhora de Fátima.

MENEZES, Renata. **A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia Política/UFRJ, 2004.

MORAES. Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 18ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **O pensamento geográfico brasileiro, vol. 1: as matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Christian D. M. de; CAVALCANTE, Tiago Vieira. O estudo da Terra como lar das pessoas. In: **GEOSP: espaço e tempo**. São Paulo, Nº25, p. 41-52, 2009.

PARENTE, Alessandra A. M. A casa e o *holding*: conversas entre Bachelard e Winnicott. In: **Natureza Humana**. São Paulo, v. 11, nº 01, jun. 2009.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço sagrado: o exemplo de Porto das Caixas, Baixada Fluminense. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Fundação Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia. Rio de Janeiro, v. 57, nº1, jan./mar., p. 53-72, 1995.

_____. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias et al (orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 119-154.

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças. **Espiritualidade, turismo e território: estudo geográfico de Fátima**. São João do Estoril: Principia, 2006.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. As características próprias da geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da geografia**. 2ªed. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 37-47.

_____. Relações da sociologia com a geografia. In: **Confins**. Nº8, 2010, p. 01-04.